

Centros históricos e a emergência de uma nova realidade alegórica urbana

O estudo dos centros históricos portugueses e das suas transformações recentes, levado a cabo a partir da problemática dos processos de patrimonialização e da problemática dos processos de reabilitação urbana, permite sustentar que este objecto de análise tem vindo a ser construído e moldado pelas políticas urbanas em curso, de modo a funcionar como instrumento de transformação das percepções e das vivências das cidades.

Os centros históricos reabilitados estão, em maior ou menor grau, em contextos em que a retórica nem sempre se aproxima da prática, a converter-se em palcos de intervenções urbanísticas exacerbadas, de sociabilidades espectacularizadas e de encenação da vida quotidiana, constituindo-se como uma espécie de nova realidade alegórica das cidades. Alegoria esta que se manifesta de forma tripartida.

Por um lado, os centros históricos são cada vez mais apresentados como a expressão concreta de uma ideia de espaço público que permite que a cidade seja imaginada e transformada a partir do seu passado. Assim, sob forma figurada da imbricação entre consumo e lazer, os centros históricos são uma alegoria desse espaço público, supostamente perdido, que urge recuperar. As intervenções mais voltadas para um urbanismo intensivo, assente no desenho urbano, têm ocorrido nos locais onde uma ideia de património se pode juntar a uma ideia de espaço público para ser potenciada como atracção turística e de lazer.

Por outro lado, a animação crescente dos centros históricos (do *lighting design* ou do *architectural lighting* às manifestações culturais) e a sua "turistificação", constituem e originam expressões perfor-

mativas e plásticas que pretendem sugerir ideais de cidadania e de participação cívica. O espaço recuperado aparece assim como uma nova plataforma de pendor artístico e estilizado, depurado e brilhante, capaz de gerar significados sociais, como se o visual fosse a mais incontornável das condições fundadoras de novas sociabilidades.

Finalmente, os centros históricos funcionam como alegoria nas situações em que o seu esplendor e a qualidade urbanística dos seus espaços, as cores garridas das fachadas recuperadas, frequentemente contrastando com o seu miolo e com o resto da cidade que os envolve, os tornam uma espécie de obra de arte que representa uma ideia abstracta de qualidade de vida. Neste âmbito, funcionam como imagem metonímica da cidade, convidando a tomar a parte, ordenada e embelezada, pelo todo e o invólucro pelo conteúdo.

Esta dimensão alegórica tem levado a que os publicitários das cidades, tal como alguns agentes estatais, alguns políticos e alguns cronistas urbanos, se encontrem no negócio da escalada. Isso porque o seu objectivo é moldar percepções cada vez mais arrebatadoras, buscando e inventando significados, tal como os arquitectos e os designers procuram moldar os lugares de modo a que a construção de edifícios e a concepção de espaços sejam acompanhadas pela construção de sentidos. Fenómenos de escalada que relevam, frequentemente, a existência de lugares sem sentido e de sentidos sem lugares. Os fenómenos de estetização, a que os centros históricos não escapam, são um fenómeno amplo e globalizante, eminentemente contemporâneo, e que

engloba um conjunto de diversos aspectos da sociedade, quer seja um estilo de vida, quer seja uma maneira de representar e de viver a cidade, quer seja ainda uma produção de objectos locais ou até mesmo uma certa percepção do mundo. Uma certa histeria patrimonial, que acompanha os processos de reabilitação, não pode, todavia, deixar de ser encarada como um trufo retórico que acaba por funcionar como um "perfeito alibi" para autarcas e técnicos que, mostrando estar noutra lugar (onde a cidade se revê e a visibilidade é, por consequência, grande) provam não estar nos locais onde o caos urbanístico se expande e a responsabilidade política não encontra paternidade. Por isso, os centros históricos são também um instrumento de fábula para uma realidade e uma malha urbana que se pretende elidir.

Na medida em que alimentam com frequência uma visão predominantemente culturalista da cidade, vertida em campanhas de criação e de difusão de imagens, os centros históricos tornam-se uma espécie de hipercentro das cidades. Verdadeiro receptáculo de investidas distintas, do campo político ao técnico, passando pelo associativo e pelo empresarial, esse espaço, que muitos, através das políticas de reabilitação urbana, pretendem tornar a mais falada, a mais estudada, a mais animada ou a mais colorida das configurações urbanas, parece constituir-se como o novo lúzeiro de cidades em busca de uma certa centralidade cultural. Nessa sua função, permitem que as cidades, quando se olham nesse seu espelho de algum modo deformador, vejam a sua centralidade reforçada no plano mediático e propagandístico. Mais do que um centro, que muitas vezes já não são, por ganharem uma visibilidade superior àquela que têm no desenrolar da vida quotidiana das urbes, os centros históricos são, no contexto do investimento plástico que neles é feito, um hipercentro das cidades, na medida em que, virtualmente, se constituem como um ponto de convergência de intervenções urbanas diversas destinadas a um certo mediatismo. Quer se trate de um *lifting* superficial redutível à coloração ou à iluminação de fachadas, quer se trate de *peelings* mais profundos que pretendem reforçar as estruturas corpóreas, essas operações plásticas resultam frequentemente na configuração de uma imagem, de centralidade omissa a desfigurada, que leva os centros históricos a não se reconhecerem enquanto tais.

Dos centros históricos pretende-se, cada vez mais, que não sejam apenas um mero lugar nem um centro. Mas sim que se tornem num hiperlugar e num hipercentro, na medida em que têm de ser simultaneamente um lugar, uma apropriação e uma prática colectiva de formas de sacralização ou de espectacularidade. Mais do



Paulo Peixoto
Centro de Estudos
Sociais da Faculdade
de Economia
da Universidade
de Coimbra

Dos centros históricos pretende-se cada vez mais que não sejam apenas um mero lugar nem um centro. Mas sim que se tornem num hiperlugar e num hipercentro, na medida em que têm de ser simultaneamente um lugar, uma apropriação e uma prática colectiva de formas de sacralização ou de espectacularidade

que remeter para a esfera íntima ou para práticas quotidianas, o hipercentro exige um investimento colectivo que reveste um carácter mais ou menos sagrado, mais ou menos venerável, mais ou menos extraordinário.

Nessa medida, procurando contrastar com o seu papel recente e com o sentido de decadência, os centros históricos são alvo de intervenções destinadas a torná-los protótipos da vida urbana e são mediatizados como lugares exemplares.

Por essa via acabam por preencher a função de imagem profética de um futuro diferente para a cidade de que fazem parte, participando no designio maior de qualquer comunidade. Ou seja, a capacidade em criar e em manter lugares de centralidade que possam ser propostos aos locais e aos estranhos como lugares a admirar e a venerar.

Neste contexto, em posições extremadas e incommunicáveis que atravessam as políticas de reabilitação, parece consolidar-se a ideia que para ser belo ou atractivo, e consequentemente mediático, é preciso sofrer. Seja o sofrimento inerente às posições estéticas e políticas daqueles que defendem que a função dos centros históricos é preencher o lugar que as minas ocupam na formação e no funcionamento da memória colectiva, actuando como uma espécie de "beleza do morto" de que nos fala de Certeau. Seja o sofrimento relativo às transformações plásticas que, para promover um certo sentido estético, transfiguram lugares e objectos, tornando-os como que irreconhecíveis e alvo de críticas profundas por parte dos puristas da preservação.



Centros históricos alvo de intervenções destinadas a torná-los protótipos da vida urbana